

"O ESCRITURÁRIO"

MIMODRAMA REALIZADO PELA
ESCOLA DE ARTE DRAMÁTICA DE SÃO PAULO
GERALDO MATEOS



Uma das cenas mais emocionantes do espetáculo. Na fotografia Luiz de Lima e Geraldo Mateos

Como é do conhecimento geral a Escola de Arte Dramática de São Paulo encenou nos primeiros dias de novembro um mimodrama intitulado "O Escriturário". Convidado pelo responsável d' "O Libertador" para escrever uma nota sobre o que se chama "mimodrama" vi-me obrigado a furtar-me desse convite pois que não possuía a mínima autoridade para falar sobre o assunto. Mas achamos bastante oportuno dizer algumas palavras sobre o significado dessa representação não só pela repercussão e projeção no meio teatral paulista, como também por nela terem participado alguns acadêmicos de direito.

A primeira questão que devemos esclarecer é a da razão desse espetáculo. Não é de hoje que a Escola de Arte Dramática de São Paulo vem promovendo espetáculos de vanguarda: já em 1939 encenamos Kafka e tentamos uma pantomima baseada em um poema de Carlos Drummond de Andrade; já em 51 realizamos um espetáculo com Brecht; em 1952 com Schöndé. "O Escriturário" foi portanto o nosso "espetáculo de vanguarda" de 1953. Mas aqui, além do mérito de apresentar espetáculo de grande profundidade seja formal ou temática, a EAD procurou também demonstrar as possibilidades de tal gênero, possibilidades essas as quais vem de ser exploradas também na Europa. A Decroix devemos essa tarefa. Esse homem de teatro, de origem bastante modesta, projetou no mundo contemporâneo as figuras de Maelzel e a de Jean-Louis Barantil, personalidades por demais conhecidas para que nos demoremos nelas. No Brasil o mérito dessa realização cabe a Luis de Lima, também discípulo de Decroix e companheiro de trabalho de Marechal. Com este Luis de Lima colaborou recentemente em Paris interpretando uma das principais personagens de "O Capote", pantomima baseada no conto de Gogol de mesmo nome.

Logo ao chegar ao Brasil, Luis de Lima notou que uma das melhores maneiras de dar aos seus alunos da EAD uma aplicação prática do que fosse o gênero teatral tão em voga em Paris, seria realizando com eles um espetáculo além do caráter explícito, o professor procurava com gestos utilizar-se desse espetáculo para demonstrar a importância do mecanismo e da função do gesto no teatro acionando. Nos meses foram dependendo na preparação de já então espreitando pois me tendo adaptado ao conto de Herman Melville, Luis de

Lima foi constrangido a solta dele um cenário mimodramático. Como pode-se imaginar árduo foi o trabalho dos alunos-atores que pela primeira vez se defrontavam com o gesto para exprimindo ação, palavra, pensamento, personalidade, sentimento e assim substituindo o fictício texto pelo movimento mímico.

No desenvolver da preparação o encenador foi encontrando o apoio material e artístico de outros elementos de fora da Escola. Não possamos esquecer aqui os nomes de Souza Castro, da Hédia Vilató e de Herenles Barantil que demonstrando um interesse pelo teatro raro em nossos dias juntaram-se ao professor Luis de Lima a ele emprestando cooperação desmedida, seja na parte musical, no tocante aos cenários ou no referente aos figurinos, elementos esses que participam incrivelmente de ação mímica.

Quanto à questão técnica do nosso espetáculo devemos acentuar a importância que tal realização trouxe. Os alunos-atores da Escola que não participavam da representação propriamente dita, se falando da interpretação devemos citar os nomes dos acadêmicos Emílio Fontana, Paulo César Rangel e do autor destas linhas) ficaram encarregados da movimentação da engenhosa arquitetura cênica de Vilató, ou da projeção sonora dos versos do professor de Souza Castro ou ainda da execução das muitas cenas de efeitos de luz funcional, entrando aqui o nome do 4.º acadêmico, estudante de arte dramática, o 4.º aluno Armando Pedro.

Para encerrar temos a obrigação de dizer pelo menos duas palavras sobre Mimodrama. A primeira é esta: Depois do espetáculo de "O Escriturário" ficamos, nos os atores, inteiramente convencidos das afirmações do professor Lima quando nos disse que não tinhamos necessidade de palavras porque "o silêncio grita". E a última sentença preferimos entregar ao professor Lima. São dele estas linhas: "Mimodrama não é aquela forma de expressão dramática em uso no fim do século passado em França que consistia em drama onde uma só personagem centralizava toda a ação e os outros se limitavam a gesticular e contrastar em silêncio. Mimodrama no sentido atual é o drama que não necessita de palavras para transmitir qualquer situação declamada ou qualquer sentimento".

Euclides Batista

Órgão Oficial Do Partido Acadêmico Libertador Da Faculdade De Direito Da Universidade De S. Paulo
DIRETOR E REDATOR RESPONSÁVEL, PAULO CEISO NOGUEIRA RANGEL | ADMINISTRAÇÃO R. 7 DE ABRIL 264 6.º - TEL. 36-7060